

SALLES, Cecilia Almeida. Criação como rede. In: \_\_\_\_\_. *Redes da criação*. Belo Horizonte: Ed. Horizonte, 2008. p. 19-38.

19	A criação em rede é um conceito relacionado à criação artística, a partir da feitura dessa relação, Salles vai apresentando conceitos que contribuem para a compreensão dessa relação.
20	A dinamicidade marca a criação artística e a apresentação de rascunhos é o indicativo disso, principalmente para a Crítica Genética.
20	Essa dinamicidade, mobilidade, leva ao conceito de inacabamento, sendo esse gerado não pela morte do artista nem por uma vontade estética, mas sim dada a possibilidade de imprecisão que marcará toda e qualquer produção. A partir dessa discussão temos a dessacralização da obra como final, acabada.
21	A incompletude destaca a sobrevivência de qualquer elemento a partir da inter-relação com outros.
21	O estado de dinamicidade se organiza na confluência de tendências e acasos.
23	O processo criativo não possui linearidade. Isso nos leva ao conceito de rede, um novo paradigma ligado a um pensamento de relações.
23	O modo de apreensão de um conceito de rede só pode se dar também em rede.
24	A definição de rede se relaciona com uma visão estrutural, porém essa se desvincula do paradigma estruturalista que marca sua utilização comumente.
24	As conexões do paradigma de rede são responsáveis pela inventividade.
25	A manifestação do processo criativo se reconhece pela interação.
26	A abordagem do movimento criador como uma complexa rede de inferências contrapõe a ideia desse processo como uma inexplicável revelação sem história.
27	Morin alerta para o problema da especialização abstrata, questiona-se então o atomismo e o reducionismo. Daí se conclui a importância de se pensar a criação artística no contexto da complexidade.
28	Considera-se na criação em rede as noções também de troca entre obra e meio ambiente (espaço e tempo social e individual).
34	O movimento criativo obedece às regras de funcionamento da rede, podemos falar em uma rede dinâmica guiada pela tendencialidade. A tendência é indefinida, mas o artista é fiel a essa vagueza, não há tendências fixas.
34	Vagueza ganha definição quando relacionamos os dados oferecidos pela obra com a maneira que foram entregues ao público.
35	Inferência é transformação. Há uma confluência de fatores influenciando essas transformações. O produto em construção é um sistema aberto que troca informações com o meio. Cultura e sociedade estão em relação geradora mútua, gerado e gerador.
36	Apresenta-se, nesse contexto de relação social do movimento criativo, o conceito de <i>imprinting</i> , que seria definido como uma série de limitações sociais, culturais e históricas que imobilizam e aprisionam o conhecimento. Morin considera a importância desse conceito, porém, contrapõe a isso a ideia de que há condições que permitem a autonomia e a inovação de pensamento.
36	Essas condições geram a inovação. Nesse momento reflete-se como a inovação é sempre ligada à criação, e que processo criativo, por sua vez, seja invariavelmente relacionado à arte, nutrindo-se da visão romântica de artista, como aquele que compõe por “inspiração”.
37	Isso posto, ratifica-se como a Crítica Genética encara a criação como resultado de trabalho, que, mesmo trocando relações com o meio social e cultural, não se aprisiona a esse, pois abarca a inovação e a transformação.

## RESENHA

SALLES, Cecília Almeida. Criação como rede. In: \_\_\_\_\_. *Redes da criação*. Belo Horizonte: Ed. Horizonte, 2008. p. 19-38.

Cecília Almeida Salles tem graduação em Língua e literaturas de língua inglesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1976), Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981) e Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990). É Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É coordenadora do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação. (Fonte: Currículo Lattes)

Em **Criação como rede**, Salles apresenta o pressuposto de que o movimento criador se concretiza em uma dinâmica de rede. A fim de facilitar a compreensão do conceito de criação, se utiliza da metáfora da rede, analisando a analogia que propõe. Discute conceitos relevantes, como: dinamicidade, inacabamento, tendências, acasos etc. O processo criativo é caracterizado como não linear e alimentado pela lógica das inferências; essa perspectiva se contrapõe à ideia de que a criação seria um processo sem história, sem um percurso que pudesse revelar o labor do autor. Através desse texto, Salles ratifica a postura da Crítica Genética no que tange à concepção de criação como resultado de um trabalho árduo que, mesmo retroalimentado pelo meio social e cultural, não se deixa aprisionar por eles, pois abarca inovação e transformação.

Carla Fagundes  
Doutoranda do PPGLitCult